

A INSTITUIÇÃO DE LUGARES DE MEMÓRIAS AFRO DIASPÓRICAS: INSTITUTO PRETOS NOVOS E MUSEU AFRO BRASIL SUL

JOCELEM MARIZA SOARES FERNANDES¹

LÚCIO FERREIRA MENEZES²

1- Universidade Federal de Pelotas – cpead.jocellem@gmail.com

2 - Universidade Federal de Pelotas - luciomenezes@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

A complexidade atual das relações sociais na realidade brasileira é estruturada pelo passado do sequestro de africanos. Os sistemas escravistas transformaram os africanos, de acordo com Mbembe (2018) uma “sombra personificada”, pois na condição de escravo, perderam seus lares, o direito sobre seus corpos e seu estatuto político original; tais perdas equivalem a uma dominação absoluta, a uma alienação de nascença e a uma morte social, isto é, foram expulsos da humanidade (MBEMBE, 2022, p. 27). Estas condições se transmutaram na modernidade, e em todo lugar e tempo, o simbolismo de quem detém o poder é reiterado em uma estrutura político-jurídica, contra o corpo negro, agora semi-liberto.

De acordo com Guillen (2008) o evento da escravidão negra no Brasil não se circunscreve ao passado, uma vez que é constantemente presentificada na memória e nas manifestações culturais dos descendentes afro-brasileiros. Estes ao questionarem sua condição atual, fazem referência a estas memórias, a uma herança da escravidão com suas diversas facetas historicamente traumatizantes e desafiadoras para a manutenção de uma “democracia racial”. A clivagem criada entre senhores e escravos, brancos e negros é mantida pelo pensamento e ações de poderes ocidentais e de ocidentalizados.

Uma lembrança ou um documento jamais é inócuo; eles resultam de uma montagem não só da sociedade que os produziu, como também das sociedades onde continuaram a viver, chegando até a nossa (GONDAR, 2016, p. 24). Há sempre, novamente segundo Gondar (2016), uma concepção de memória social implicada na escolha do que conservar e do que interrogar, pois o conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja. Os discursos que ambicionam a imparcialidade costumam ocultar o olhar, a posição e a vontade de quem os emite.

Araújo (2003) ressalta a necessidade de se rever a questão da memória negra no Brasil, a memória do negro no Brasil, para que o panteão dos deuses africanos, a comida de cada dia, onde a doçura, o dengo e o afago incorporados ao alimento por nossas cozinheiras negras, na sua risada larga, tão larga, como o seu sofrimento (ARAÚJO, 2003 p. 249), possam ser registradas e incorporadas na

¹ Doutoranda do PPG Memória Social e Patrimônio Cultural 2022/2

² Professor Doutor Lúcio Ferreira Menezes (orientador). Professor do PPG Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPEL) e do PPG em arqueologia do Museu Nacional (UFRJ); bolsista de produtividade (1C) do CNPq).

cultura do país. Uma cultura que guarda, através de sua história, um rastro profundo de negros africanos e brasileiros, mulatos e cafuzos, co-construtores de nossa identidade (ARAÚJO, 2003, p. 250). Silva e Silva (2005) destacam que para o africanista Ki-Zerbo, a tradição oral e a memória podem ser enriquecedoras para a história, ambas são vivas, emotivas e, um museu vivo (SILVA e SILVA, 2005, p. 277).

Peralta (2007) adverte que as invenções mnemônicas pressupõem sempre negociação e conflito, sendo um processo negociado entre diversos atores sociais e a sua natureza é eminentemente conflitual e em constante transformação (PERALTA, 2007, p. 10). Ao dizer que tudo que somos, e nos modos como somos, respondemos a cosmologias que nos constituem, Martins (2021) ressalta sobre os conflitos das invenções mnemônicas e o tempo de duração do que foi instituído em tempos passados, mas que se manifestam no presente e que o pesquisador busca descobrir o porquê de sua duração.

Nossa pesquisa visa desvelar ou revelar novos padrões raciais na instituição de lugares de memórias negras como o Instituto dos Pretos Novos, situado no mesmo percurso do Cais do Valongo, no Rio de Janeiro. Neste local foi comprovado por arqueólogos, antropólogos e historiadores, como o lugar onde entraram quase um milhão de africanos no Brasil. Os que não resistiram à longa jornada de travessia do Atlântico, foram jogados em valas comuns e tiveram seus corpos queimados.

A descoberta dessas ossadas, agora exibidas através de um painel de vidro no chão do referido Instituto, o qual visa, como disse Araújo (2003), resgatar uma história escamoteada pela historiografia oficial e processar a ambiguidade dessa nossa história de que são vítimas os negros numa sociedade que os exclui dos benefícios da vida social, mas que, no entanto, consome os deuses do candomblê, a música, a dança, a comida, a festa, todas as festas de negros, esquecida de suas origens (ARAÚJO, 2003 p. 250).

Com os mesmos argumentos do consumo da cultura negra, por uma sociedade de exclusão, por conta do passado escravagista, buscamos entender a constituição do Museu Afro Brasil Sul (MAB-SUL), um museu antirracista e virtual inaugurado na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), em 2020 (Portaria nº 1894 de 09 de dezembro de 2020). O museu possui coleções sobre diversos assuntos, disponibilizados em site³ próprio, que tem como destaque postagens nas redes sociais de questões exclusivamente negras.

Na sociedade brasileira, o racismo, decorrente da história de inferiorização amputada ao negro, pelo passado escravagista, categoriza as pessoas e, como diz Almeida (2020) é um fator político utilizado para naturalizar desigualdades, legitimar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários. O autor observa que a análise do conceito de racismo institucional, que se origina na operação de forças estabelecidas na sociedade, transcende o âmbito da ação individual e fez do racismo uma estrutura social, que constitui as relações políticas, econômicas, jurídicas, e até familiares. Assim, os comportamentos individuais e

³ <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/museuafrobrasilsul/>.

institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é a regra, e não a exceção. O racismo, portanto, é estrutural.

Almeida (2020) destaca que as classificações raciais para definir as hierarquias sociais são projetos políticos, e que o pertencimento dentro desta hierarquização permite ou inviabiliza a capacidade de consumo e de circulação social. Em um mundo em que a *raça* define vida e morte, é preciso tomá-la como elemento de análise das grandes questões contemporâneas e manter um compromisso com a ciência e com a resolução das grandes mazelas do mundo.

Nossa pesquisa, através de bibliografia, arquivos, narrativas, memórias e territórios reais ou virtuais, tem como objetivo analisar os processos institucionais, os grupos sociais e as epistemologias envolvidas na constituição do Instituto dos Pretos Novos e do Museu Afro Brasil Sul, comparando a ativação do patrimônio cultural afro diaspórico, as experiências patrimoniais e as formas por meio das quais as memórias negras são apresentadas ou invisibilizadas dentro dos espaços museais e lugares memoriais.

2. METODOLOGIA

A estratégia comparativa como forma de construir teorias e conhecimento nas ciências sociais tem origem nos clássicos. Karl Marx utilizou a comparação como forma de entender o desenvolvimento da sociedade capitalista; Emile Durkheim valeu-se deste método para chegar a uma tipologia social do suicídio; e Max Weber, por sua vez, utilizou-se da comparação como estratégia de construção teórica sobre as diferentes formas de dominação, sistemas jurídicos, religiões e tipos de capitalismo (SCHNEIDER e SCHMITT, 1998).

Nossa estratégia é utilizar a análise comparativa com base na pesquisa bibliográfica sobre as experiências de extroversão do patrimônio afro- descendente, buscando entender as especificidades da atuação e ativação do MAB-Sul e do Instituto dos Pretos Novos. Por meio do raciocínio comparativo, poderemos descobrir regularidades, exceções, perceber deslocamentos e transformações que envolvem as epistemologias sobre a diáspora africana em ambos esses lugares de memória.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tanto o Instituto dos Pretos Novos, como o Museu Afro Brasil Sul estão constituídos, mas não de fato instituídos, pois ainda que façam pesquisas com voluntários, a realidade para manter pesquisas em dia e tornar visível fatos, narrativas e memórias negras invisibilizadas perpassa o racismo da sociedade que nega, mas pratica o racismo todo os dias. O Instituto busca uma reparação, ainda que simbólica, para as milhares de pessoas cuja história e ancestralidade não são conhecidas. O Museu Afro Brasil Sul encontra barreiras na cidade onde está instalado, Pelotas, pois muitos interlocutores têm receio de citar nomes importantes da cidade e expor quem praticou os horrores da escravidão negra sem se esconder no passado. O apagamento que sofre a história afro-diaspórica, nos museus virtuais ou lugares de memória presenciais, exige a necessidade de nossa pesquisa

para resguardar memórias afro-diaspóricas e humanizar negros que foram considerados apenas sombras com especificidades de trabalho.

4. CONCLUSÕES

Apesar de muitas pesquisas voltadas à temática da escravidão, das mazelas da falsa liberdade e do racismo que persegue o cidadão negro na sociedade brasileira, concluímos que a persistência do silenciamento das vozes negras, inclusive dentro dos espaços de memórias negras, torna mais difícil a tarefa de pesquisadores em valorizar e preservar estas memórias, pois o paradigma de inferioridade, de desumanidade, instituído no período da escravidão se mantém, pois as mãos que hoje assinam documentos, que deveriam ser em prol da população negra, tem o mesmo sobrenome de muitos senhores de escravos no passado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020. 1v.

GONDAR, J. **POR QUE MEMÓRIA SOCIAL?** Rio de Janeiro: Híbrida, 2016. 1v.

MARTINS, L. M. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Bahia: Editora Cobogó, 2021. 1v.

MBEMBE, A. **NECROPOLÍTICA**. São Paulo: N-1edições, 2022. 10v.

SILVA, K. V; SILVA, M. H. **DICIONÁRIO DE CONCEITOS HISTÓRICOS**. São Paulo: Contexto, 2005. 1v.

Artigo

ARAÚJO, E. Negras memórias, o imaginário luso afro-brasileiro e a herança da escravidão. **Estudos Avançados**, 18 (50), 2004.

GUILLEN, I. C. M. ÁFRICA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA Imbricações entre história, ensino e patrimônio cultural - **Clio - Série Revista de Pesquisa Histórica** - N. 26-2, 2008.

PERALTA, E. Abordagens teóricas ao estudo da memória social. Uma resenha crítica. **Arquivos da Memória: Antropologia, Escala e Memória**. Nº 2, 2007.

SCHNEIDER, S. e SCHMITT, C. J. O uso do método comparativo em Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia**. Porto Alegre, v. 9, p. 48-87, 1998.

SOUZA, Jéser Abílio de. Valdivia, Maria Lídia Mattos. Lopes, Valéria Oliveira. O COTIDIANO E AS NARRATIVAS: UMA ANÁLISE TRANSVERSAL DAS PRÁTICAS MOBILIZADAS NO/PELO INSTITUTO DE PESQUISA E MEMÓRIA PRETOS NOVOS COMO FORMA DE REESCRITA DAS MEMÓRIAS AFRODIASPÓRICAS. **Revista Afro-Ásia**, n. 67 (2023), pp. 431-469.